



CCB

29 NOV A 1 DEZ 24

**AMOR É UM FOGO
QUE ARDE SEM SE VER**

HÉLDER MATEUS DA COSTA
E MARIA DO CÉU GUERRA

**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Teatro

Pequeno Auditório

Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h

M/12

Duração aprox. 120 min

AMOR É UM FOGO QUE ARDE SEM SE VER

Espectáculo de **Hélder Mateus da Costa e Maria do Céu Guerra**

Encenação **Hélder Mateus da Costa e Maria do Céu Guerra**

Assistência de encenação **Gil Filipe**

Elenco **Adérito Lopes, Beatriz Dinis e Silva, Érica Galiza, Gil Filipe, Luís Ilunga, Maria do Céu Guerra, Manuel Petiz, Rita Mendes Nunes, Samuel Moura, Sérgio Moras, Teresa Mello Sampayo, Vasco Lello, Maria Baltazar (estagiária)**

Produção **Inês Costa**

Apoio à produção **Gil Filipe, Manuel Petiz, Teresa Mello Sampayo**

Direção musical e música original **Maestro António Victorino D'Almeida**

Cenografia **A Barraca**

Conceção de vídeo **André Letria**

Desenho de luz **Vasco Letria**

Operação de luz **Ruy Santos**

Operação de som e vídeo **João Pecegueiro**

Guarda-roupa **Mestra Alda Cabrita**

Adereços **Tina Simões**

Design gráfico **Inês Costa**

Coapresentação **Centro Cultural de Belém, A Barraca**

Fotografia de capa:

© Festa do Avante

Amor é um fogo que arde sem se ver, porquê?

Um espetáculo do género histórico/poético não pode transportar cargas poeirentas e ultrapassadas.

Homenagear os clássicos é modernizá-los e torná-los acessíveis ao público dos nossos dias.

É nessa dificuldade que consiste o prazer de conseguir demonstrar que as histórias antigas têm que ver com o sempre constante e irregular comportamento humano. Camões é um dos símbolos mais importantes do nosso século de ouro, o século XVI. E é um testemunho vivo do intelectual moderno e progressista, na linha de Erasmo e Thomas More, seus contemporâneos. Através dos séculos foi sempre referido como um patriota pelos liberais e republicanos, e também utilizado pelas famílias mais reaccionárias (descendentes dos mesmos que sempre o perseguiram e lhe negaram qualquer apoio e protecção económica).

Por isso, era necessário fazer uma «operação de limpeza» ao nosso Camões e mostrá-lo em toda a sua grandeza e independência. Para exemplo aos jovens e intelectuais dos nossos dias.

Não é minha intenção propor um novo olhar para o ícone Camões e para o período das grandes navegações portuguesas, mas é preciso conhecer todas as realidades que eram songadas e ocultadas. Na linha de Gil Vicente, Fernão Mendes Pinto, Damião de Góis e Chiado que denunciaram nessa mesma época que esse período áureo se devia ao trabalho de cientistas e ao povo que era arrastado para as naus. E que Descobrimento foi frequentemente sinónimo de roubo e massacres a nível universal. A História não se pode corrigir, mas eu só posso gostar do meu país (ou de qualquer outro) se conhecer os lados positivos e os condenáveis.

Mas, também muito importante e interessante, é pensar que esse importante texto épico — além de oferecer aos navegadores portugueses o Amor como prémio na Ilha dos Amores, também é a grande aventura da língua portuguesa.

Hélder Mateus da Costa
(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Amor é um fogo que arde sem se ver (2024) conta a viagem de Luís Vaz, o navegador da Língua Portuguesa, transportando memórias de amores e desamores, muitas perdas e muitos maus tratos e prisões operados em sigilosos conluíus por muitos inimigos seus contemporâneos. Tempo de disputas, glórias e intrigas, os perigos da inquisição ameaçaram sempre um dos homens mais livres do seu tempo e sem dúvida o seu maior poeta. Depois de aventuras e desventuras que lhe vão acontecendo na sua pátria, vai de viagem na rota de Gama. E consigo leva a Língua Portuguesa, ainda em construção.

Olhado como um texto épico, *Os Lusíadas* são também o grande relato da aventura da língua portuguesa que nessa obra/viagem se confirma e consagra.

Perseguindo sempre a aventura mais arriscada, seja ela o amor, a viagem ou a poesia, na Índia conhece Garcia d'Orta, Diogo do Couto, apaixona-se, conhece Macau, conhece a Ilha de Moçambique, Dinamene. Num naufrágio perde a amada e salva a nado o poema ao qual já dedicara anos de vida.

Dezassete anos passados sobre a partida para a Índia, regressa à pátria. Sempre mais rico, sempre mais pobre, quase sempre só. Traz consigo apenas o escravo Jau que o acompanhará até ao fim. Não sabemos quem morreu primeiro, são ambos eternos.

Em Portugal, apresentou *Os Lusíadas* ao censor do Santo Ofício. Embora com cenas eliminadas, a obra é autorizada. A sua visão da «máquina do mundo» não é aceite e a cena da ilha dos amores é quase truncada. O passo seguinte é mostrá-la a Dom Sebastião. O rei gosta d'*Os Lusíadas* e aprova a concessão de uma tença de sobrevivência ao poeta. Não fosse a doença as coisas pareciam começar a correr melhor ao poeta e a vida começava a passar.

Tempo último...

Camões vai a Belém ver sair os barcos para Alcácer-Quibir. Ele está no fim. E Portugal está perto do Desastre. Juntam-se as duas sortes. Regresso a casa... Camões é apoiado pelo escravo Jau que lhe dá de comer e o acompanha. E o poeta do amor, tal como os marinheiros do Gama, passa à eternidade embalado pela música do mar e das ninfas da ilha dos amores.

Momento feliz enfim... O reencontro com a beleza acompanha o regresso do poeta à sua ilha recuperada numa invocação da paz a que todos aspiramos.

Hélder Mateus da Costa

Estudos de Direito em Lisboa e Coimbra.

Licenciatura da Faculdade de Letras/Institut d'Études Théatrales, Sorbonne, Paris.

Diretor do grupo de teatro A BARRACA. Participou no CITAC (Coimbra) e foi presidente do Cénico de Direito (duas menções honrosas no Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy (1966/67).

Fundador do Teatro Operário de Paris (1970). Assistente de encenação e coautor com Luís de Lima e Luiz Francisco Rebello do primeiro espetáculo criado a seguir ao 25 de Abril, *Liberdade, Liberdade* (1974).

Encenador no Grupo de Ação Teatral A BARRACA, dirigiu vários espetáculos em Espanha, Brasil, Dinamarca e Moçambique.

Dirigiu cursos e participou em congressos e festivais em França, Suécia, Alemanha, Suíça, Argentina, Cabo Verde, México, Bolívia, Chile, Colômbia, Venezuela, EUA, Rússia, Bélgica, Itália, Macau, Cuba, Nicarágua, Uruguai e Brasil.

Uma das suas obras, *O Príncipe de Spandau*, teve estreia mundial em Viena (Áustria) e foi montado na Dinamarca, na Bolívia, em Madrid, Paris, Bruxelas, Roménia, Lisboa e Londres. Outras peças suas com montagens internacionais: *Zé do telhado* (França, Canadá), *D. João VI* (Centro Cultural do Banco do Brasil- Rio de Janeiro - Brasil), *Calamity Jane* (Espanha, Dinamarca, México), *Mi Rival* (Espanha), *O Inocentável* (França, Brasil, Espanha). Algumas obras editadas: *Obviamente Demito-o* (ed. Instituto Superior de Psicologia Aplicada), *O Inocentável* (ed. Caminho), *Queres ser ministro?* (ed. ASA), *Conversas com gente famosa* (ed. Instituto Superior de Psicologia Aplicada), *Ódio no Palácio Real* (ed. Campo das Letras), *O Saudoso tempo do Fascismo* (ed. Parvoíces), *O Mistério da camioneta fantasma e A balada da margem Sul*, edições ISPA.

Maria do Céu Guerra

Estreou-se no Teatro de Letras. Fundadora do Teatro da Casa da Comédia. Fundadora do Teatro Experimental de Cascais. Em 1975, fundou A BARRACA, onde tem centrado a sua atividade profissional, como atriz, encenadora e diretora, partilhando esta função com Hélder Costa. Em 2002, iniciou o seu trabalho como encenadora com o ciclo *P'la Mão de Gil Vicente*. Fora d'A BARRACA: em 2005 estreou no São Luiz Teatro Municipal o espetáculo *A Casa da Bernarda Alba*, de Lorca, com encenação de Diogo Infante e Ana Luísa Guimarães. Em 2006, estreou na Comuna *Todos os que Caem* de Samuel Beckett, encenação de João Mota, premiado com um Globo de Ouro de interpretação. No cinema destacam-se algumas longas-metragens, sendo a última *Os gatos não têm vertigens*, que protagonizou. Professora de Teatro na Universidade de Évora e no Instituto de Desenvolvimento Social. Distinções que recebeu ao longo do seu percurso: Prémio Revelação da Casa da Imprensa em 1972; Prémio UNESCO Artes na Expo'92 com *Pranto de Maria Parda*, já apresentado em países de quatro continentes. Em 1985, foi agraciada com a Ordem de Santiago da Espada e, em 1994, com a Ordem do Infante D. Henrique. Recebeu o Prémio de Melhor Atriz com os espetáculos *Calamity Jane*, *Um dia na capital do Império*, *É Menino ou Menina?*, *Todos os que caem*, *D. Maria A Louca*. Em 2010, foi homenageada no FESTLIP no Rio de Janeiro onde A Barraca apresentou o seu espetáculo *Agosto-Contos da Emigração*. À encenação de *Menino de sua Avó* no Festival de Angra dos Reis no Brasil, foi atribuído Prémio de Excelência e o Prémio Bernardo Santareno em Portugal. Medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Cascais. Prémio Melhor Adaptação pelo Guia dos Teatros com *Agosto-Contos da Emigração* e Prémio Carreira em 2008. Recebeu todos os prémios atribuídos em Portugal à interpretação em cinema com *Os gatos não têm vertigens* de António Pedro Vasconcelos. Em 2022, foi agraciada com a medalha de mérito cultural pelo Ministério da Cultura e com a Ordem de Santiago da Espada pela Presidência da República.



JÁ A SEGUIR

10, 11 e 12 JAN

HÉCUBA, NÃO HÉCUBA

TIAGO RODRIGUES – COMÉDIE-FRANÇAISE

Teatro

Na sua primeira colaboração com a Comédie-Française, Tiago Rodrigues, diretor do Festival d'Avignon, entrelaça a história de Hécuba, a viúva de Príamo que, com a derrota de Troia, perdeu o marido, o trono e os filhos, com a de uma atriz que, nos nossos dias, interpreta a Hécuba de Eurípides. À medida que os ensaios para o espetáculo avançam, elas sobrepõem-se a uma investigação judicial, com a própria atriz a procurar por justiça para o seu filho autista, vítima de abuso. Num cenário único e crepuscular, a ficção funde-se dolorosamente com a realidade íntima, a tragédia do mito encontra a da realidade, entre o jogo do teatro e o da justiça.

Produção **Comédie-Française**

Coprodução **Festival d'Avignon**

Em colaboração com **Théâtre de la Cité – CDN de Toulouse Occitanie**

Com o apoio da **Foundation pour la Comédie-Française**

Sexta, 20h00

Sábado, 19h00

Domingo, 17h00

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

FINANCIADO POR



COPRODUÇÃO



APOIO MEDIA



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025

